



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Os brasileiros na prática de saúde mental de Trieste:

histórias de laços e de construções

Maria Stella Brandão Goulart

Ernesto Venturini

Henrique Galhano Balieiro

Adelaide Lucimar Fonseca Chaves

Como citar: GOULART, M. S. B. *et al.* Os brasileiros na prática de saúde mental de Trieste: histórias de laços e de construções. *In:* SADE, R. M. S. (org.). **Boas práticas:** caminhos e descaminhos no processo de desinstitucionalização. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 267-288.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-933-7.p267-288>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Os brasileiros na prática de saúde mental de Trieste: histórias de laços e de construções¹

Maria Stella Brandão Goulart

Ernesto Venturini

Henrique Galhano Balieiro

Adelaide Lucimar Fonseca Chaves

INTRODUÇÃO

No campo da saúde mental, a referência a Franco Basaglia é simplesmente fundamental. É já amplamente sabido que este notório psiquiatra e ativista dos Direitos Humanos conquistou protagonismo na história da política de saúde mental brasileira desde o final dos anos 70 (século XX). Ele foi, inicialmente, convidado a vir ao Brasil para falar de sua prática de desinstitucionalização em 1978, no I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, ocorrido no Rio de Janeiro².

A partir de então, nasceu uma densa conexão na luta contra os manicômios e instituições totais, articulando brasileiros e italianos.

¹ Este artigo atualiza e aprofunda a discussão publicada, em italiano, no periódico “Fogli d’informazine”, intitulado “La presenzastorica dei brasilianinella pratica dellasalutementaledi Trieste: ‘venite a vedere’ o fare insieme?” (2015).

² Esta foi uma iniciativa interdisciplinar do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAP-SI), ocorrida entre 19 a 22 de outubro de 1978. Nela, se reuniram, com a coordenação de Chaim Katz, Luis Fernando de Mello Campos e Gregório Barembliitt, grandes nomes nacionais (Sergio Arouca, Peter Fry entre outros) e internacionais - da antipsiquiatria, contracultura, psicanálise e do movimento institucionalista - como Robert Castel, Thomas Szasz, Emilio Rodriguè, Shere Hite, Felix Guattari entre outros. As subseqüentes vindas de Franco Basaglia ao Brasil seriam uma decorrência destes contatos e outros que se estabeleceram na ocasião. <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-933-7.p267-288>

Basaglia retornou ao Brasil em 1979, realizando uma série de iniciativas, com grande envolvimento pessoal e político. Proferiu palestras, realizou diversas visitas e discussões nestes dois breves anos, impactando a vida e a cultura profissional de psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, usuários dos serviços de saúde e tantos outros, além da mídia e da opinião pública.

Estes encontros, especialmente os ocorridos em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, tiveram um efeito profundo sobre os processos de Reforma na assistência psiquiátrica do século XX – que ocorreram nos anos e décadas sucessivos. As suas intervenções e ainda repercutem no Brasil e determinaram a cooperação de vários setores da saúde coletiva, da saúde mental e da sociedade civil no que concerne ao tema do que ficou conhecido como: Reforma psiquiátrica.

Através das conferências e ações realizadas por Basaglia no Brasil, a concepção acerca das instituições psiquiátricas mudou, aprofundando-se a crítica sobre sua epistemologia e prática, apontando para a necessidade de construção de respostas concretas e emancipadoras. Segundo Nicácio, Amarante e Barros (2000, p. 241):

Os encontros realizados convidaram vários “caminhantes” a aceitarem o desafio de pesquisar novos itinerários e outros percursos, estimulando jovens que trabalhavam no Serviço de Saúde Mental a irem conhecer diretamente a experiência de Trieste, aceitando o convite de Basaglia que os estimulava dizendo, “venham ver”!

Estimulados pela presença carismática e pelos convites de Basaglia, muitos brasileiros e brasileiras de diferentes idades, regiões e profissões decidiram ir à Itália, particularmente a Trieste, para conhecer o trabalho de desconstrução manicomial ali realizado e os efeitos da nova legislação, a lei 180, que revolucionara a prática e o pensamento de tantos italianos. Foi a partir de então, que se realizou um fluxo incessante, que continua ativo até a atualidade, de “caminhantes”, com realização de verdadeiras peregrinações: visitas e intercâmbios.

Muitos expoentes da Reforma Psiquiátrica brasileira desenvolveram atividades relevantes em Trieste. Destacamos, a título ilustrativo, alguns nomes, em função de sua relevância, como os de Paulo

Amarante, Denise Barros, Nilson Gomes, Jair de Jesus Mari, Fernanda Nicácio, Roberto Tykanori, que realizaram períodos de média e longa permanência, de vários meses. Paulo Delgado e Pedro Delgado, Sandra Fagundes, Ana Pitta, Willians Valentini realizaram visitas e participaram de eventos, mas a lista poderia ser muito extensa se considerássemos este último item.

Este artigo se propõe a documentar algumas características deste complexo processo de cooperação e se orienta pelas informações resultantes da pesquisa “A história da política de saúde mental: Minas Gerais e vínculos com a Itália” – realizada entre 2012 e 2014, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG (GOULART et al, 2015).

O estudo, que mobilizou uma equipe composta por brasileiros e italianos, se concentrou em duas direções. A primeira focalizou o trabalho desenvolvido pelos brasileiros que, através de diversos tipos de inserções, viajaram à Itália para contribuir com a atuação dos processos da Reforma psiquiátrica no Brasil.

A segunda direção documentou, paralelamente, a contribuição dos italianos ao Brasil, a partir do que foi desencadeado, a princípio, por Franco Basaglia, e aqueles que atuaram como ativistas da luta antimanicomial e gestores públicos na área da saúde, construindo um relacionamento significativo com as instituições brasileiras.

Neste artigo, iremos nos focar particularmente no estudo de brasileiros e brasileiras que participaram diretamente dos processos de desinstitucionalização desenvolvido em Trieste. Genericamente, são nomeados como “voluntários”: metáfora bastante contraditória que delinea um tipo de vínculo marcado pela informalidade, mas que oculta a densidade institucional dos profissionais e das visitas e estágios que ocorreram e ainda se realizam nos mais diversos formatos de cooperação.

À PROCURA DOS “CAMINHANTES”

A pesquisa e este artigo abordam, portanto, o perfil dos brasileiros e brasileiras que se engajaram como “voluntários” nos serviços de saúde mental

de Trieste desde o final dos anos 70 até recentemente. Este vínculo remete a diversos tipos de inserção, como já dissemos: estágio de médio e longo prazo, participação em eventos, visitas breves e com objetivos diversos.

Para a realização deste estudo, operamos com fontes orais e documentais, numa perspectiva de história social e história oral, atenta a atores, instituições e acontecimentos relevantes, mas com um foco especial para os encontros e “simpatias” (amizades) tecidas nas relações informais e afetivas, tão caras ao ativismo, à formação dos movimentos sociais e dos processos de mudança.

Inicialmente, procuramos identificar e descrever as características dos voluntários que vivenciaram este modelo. A execução do levantamento de dados se mostrou desafiadora, devido ao número elevado de mudanças organizacionais que ocorreram na estrutura do Departamento de Saúde Mental nos últimos 35 anos. Contudo, contamos com a colaboração dos integrantes da Associação de Voluntariado Franco Basaglia (*Associazione di Volontariato Franco Basaglia*)³. Esta registrou uma significativa parcela de “voluntários”, oriundos de diversos países, que participaram e participam ainda da prática triestina.

A Associação de Voluntariado Franco Basaglia disponibilizou, em visita realizada pela equipe de pesquisadores em 2014, o registro de 247 brasileiros (dentre 484 registros de diferentes nacionalidades), que frequentaram o Departamento de Saúde Mental de Trieste ao longo de três décadas. Embora a fundação da Associação tenha ocorrido no ano de 1993, nos registros obtidos, constava registrada a presença de brasileiros desde 1984. Por isso, consideraremos aqui os dados referentes ao período de 1984 a 2014. A adesão à Associação, vale ressaltar, delineia um universo que não é exaustivo. Nem todas as presenças e participações se converteram em inscrições nesta Associação. No entanto, ela delineia um conjunto que pode ser tratado como uma amostragem quantitativa e qualitativa, que se articulava a um esforço organizativo sistemático. Não existem, por outro lado, outros registros formais da presença dos colaboradores estrangeiros, sem vínculo empregatício, em Trieste.

Identificamos também que os primeiros visitantes e voluntários brasileiros começaram a frequentar Trieste já a partir do final da década

³ Agradecemos a Carla Prosdócimo que colaborou no acesso à documentação em Trieste.

de 70, quando não havia nenhuma preocupação com seu registro formal. No entanto, nos registros da Associação de Voluntariado, como enfatizou Carla Prosdocimo, encontram-se registrados tanto usuários dos serviços de saúde mental de Trieste, como importantes nomes da Reforma Psiquiátrica italiana: Franco Rotelli, Peppe Dell'Acqua, Giovanna Del Giudice e Michele Zanetti (entre os sócios fundadores) e Franca Ongaro Basaglia (entre os sócios honorários).

Para obter maior número de informações e contornar a limitação dos dados do arquivo a respeito da participação brasileira, foram realizadas algumas entrevistas com ex-voluntários e com os três diretores do Departamento de Saúde Mental de Trieste desses últimos trinta anos.

Na listagem elaborada pela *Associazione di Volontariato Franco Basaglia* de Trieste sobre o cadastro dos voluntários, na forma de três arquivos, constavam as seguintes informações: nome; profissão; sexo; cidade de origem; estado de origem; data de nascimento; ano do voluntariado; 1ª. chegada / 1ª. partida; 2ª. chegada / 2ª. partida; 3ª. chegada / 3ª. partida.

Os dados desta listagem estavam, no entanto, incompletos, fora de ordem e com algumas informações incongruentes. Por isso, durante o trabalho de análise de dados, foi necessário reorganizar o material, retirar duplicidades e pesquisar os dados inconsistentes.

Considerando o total de 484 inscritos da Associação, surpreendeu a constatação de que mais da metade dos seus membros registrados fosse composta por brasileiros. Isso sugere a relevância da experiência de voluntariado em Trieste e configura uma presença muito específica, do ponto de vista de identidade, na prática do Departamento de Saúde Mental triestino.

Por se tratar de uma referência mundial na luta antimanicomial, a rede de saúde mental de Trieste recebeu, anualmente, ao longo dos anos citados, um grande número de interessados entre pesquisadores, estudantes e profissionais de várias áreas e nacionalidades. A vinculação propiciava conhecer e experimentar este modelo substitutivo aos hospitais psiquiátricos, implementado a partir do início década de 70 (AMARANTE, 1996; BARROS, 1994; GOULART, 2007).

No entanto, os brasileiros e as brasileiras, sempre de nível superior de escolaridade, configuraram com uma média de 8 por ano. Apesar

do número variar de ano a ano, se considerarmos a presença constante, configura-se um ator social e coletivo bastante regular, sinalizando continuidade nas ações e interesses, mesmo que sem o amparo de nenhum tipo de convênio institucional: auto custeados em sua grande maioria e, em poucos casos, com bolsas de pesquisa vinculadas a instituições de ensino brasileiras.

PERFIL DOS E DAS “VOLUNTÁRIOS”

Identificamos que os voluntários brasileiros em questão eram predominantemente do sexo feminino, sendo 74% dos associados voluntários em contraste com 21% do sexo masculino. Em 5% não foi possível identificar o gênero a partir do nome disponibilizado apesar das buscas nas plataformas lattes e outros sites de internet.

Na investigação sobre os estados brasileiros de origem destas pessoas, destacou-se uma grande ocorrência de paulistas: 52%. O segundo estado da federação mais presente no relato dos voluntários foi o de Minas Gerais. Os mineiros representam 9% dos voluntários em Trieste. O Rio de Janeiro aparece como o terceiro estado, com 6%. Chamou, no entanto, a atenção da equipe, a pluralidade de estados e regiões. Tais dados apontam que esse “voluntariado”, ocorrido em Trieste, contou com a participação de brasileiros originários de quase todas as regiões do Brasil, contemplando 15 estados brasileiros: Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Hipotetizamos que a maior ocorrência de voluntários da região sudeste seja consequência do legado de Franco Basaglia nesta região, realizando visitas e conferências nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, apesar ter visitado outras cidades como: João Pessoa, na Paraíba, e Salvador, na Bahia.

No que se refere à formação destas pessoas, configurou-se um interessante cenário. Para 91% dos nomes que conseguimos verificar, foi possível identificar 12 tipos de formações em diferentes áreas. São elas: psicologia (44%), terapia ocupacional (19%), medicina psiquiátrica (9%), enfermagem (8%), serviço social (2%), medicina (2%), artes plásticas (2%), educa-

ção física (2%), biologia (1%), ciências sociais (1%), turismo (1%) e geologia (1%). Em 9% dos casos não foi possível identificar a profissão.

As formações que apareceram com maior evidência foram as da área da saúde: psicologia, terapia ocupacional, enfermagem, medicina psiquiátrica. O principal destaque é para a psicologia. No entanto, trata-se de um leque bastante amplo que indica a dimensão interdisciplinar da prática em saúde mental de Trieste, com seus diversos projetos culturais e artísticos de inclusão social.

Assim, o espaço de prática ofertado em Trieste operava como uma estratégia de formação complementar para os profissionais. O currículo ofertado no Brasil tinha, até os recentemente, especialmente para a psicologia, grande enfoque clínico individualizado, voltado para o consultório privado, com poucas referências à saúde mental e ou às políticas em saúde pública de um modo geral. Dessa maneira, podemos inferir que o modelo de Trieste serviu de referência para aqueles que buscavam respostas renovadoras para a realidade brasileira que superava o longo período de ditadura militar.

Devemos considerar também a importância do terapeuta ocupacional. Apesar de não ter sua relevância bem explicitada e documentada na Reforma psiquiátrica brasileira, os dados analisados de Trieste parecem indicar o contrário. Os terapeutas ocupacionais constituíram uma das representações mais numerosas (19%), após a dos psicólogos (44%).

Em relação à idade dos voluntários, foi possível inferir algumas informações. Através da data de nascimento e da data da primeira chegada a Trieste, foi possível projetar, de forma aproximada, a idade dos profissionais por determinada época. Identificamos a média de 28 anos de idade, sendo que a grande presença é a de jovens adultos com idade que variava entre 24 a 30 anos, representando um total de 126 registros identificáveis, ou seja, quase metade do total. Esta faixa etária seria coerente com a de recém-graduados, pós-graduandos e jovens profissionais. Mas, além disso, pudemos destacar outras informações: 41 pessoas eram muito jovens, com menos de 23 anos. Por outro lado, identificamos outras 25 pessoas com a idade entre 31 a 36 anos, e 20 pessoas entre 37 e entre 42 anos, e por fim 9 pessoas com idade entre 43 a 48 anos. Este último grupo se consolida

como mais maduro e experiente, totalizando 54 pessoas, que poderiam estar profissionalmente bem estabelecidas e ser esta uma informação indicativa de construção de vínculos particularmente consequentes: professores, pesquisadores e gestores públicos.

No que concerne ao tempo de permanência, a média de dias do conjunto de profissionais voluntários em Trieste foi de 138 dias: cerca de 4 meses e meio.

Se considerarmos os períodos acima de três meses (52%), se configura outro tipo de inserção que poderíamos qualificar como mais comprometida ou atenta do que a metáfora do voluntariado indica. Aumenta a possibilidade do exercício de profissionais capazes de efetivamente se apropriar do cotidiano e do conhecimento.

É necessário ressaltar que boa parte do pessoal vinculado ao voluntariado permanecia por cerca de um mês (21%): um período razoavelmente curto, que indica a realização de, praticamente, uma visita técnica aprofundada.

Outro dado examinado se refere à distribuição de voluntários por ano, indicando os períodos de maior presença. A grande participação de brasileiros e brasileiras ocorreu nos anos 1980 (26%) e 1990 (59%). Esta informação pode ser indicativa também da disseminação das ideias de Franco Basaglia e o aprofundamento da cooperação com os italianos. Trata-se de uma presença numerosa e permanente por duas décadas, com claro declínio após o final dos anos noventa (15%), quando se inicia a institucionalização da Reforma psiquiátrica brasileira, com a intervenção na Casa de Saúde Anchieta, ocorrida na cidade de Santos (São Paulo), o surgimento das legislações estaduais (Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará e Minas Gerais), dos dispositivos de atenção em saúde mental substitutivos aos hospitais psiquiátricos: os CAPS, os NAPS, os CERSAMS, os Centros de Convivência e outros.

Sobre o declínio da presença brasileira, este pode ser identificado a partir do ano 2000, após a construção e aprovação da Lei federal 10.216, sancionada em 2001, inspirada na lei italiana 180/1978 que compunha a legislação de Reforma sanitária. A nova rede de serviços de saúde mental substitutiva aos hospitais psiquiátricos gerou demanda por profissionais

e passou a ofertar a possibilidade da prática de desinstitucionalização, de fato, no Brasil.

Faz-se necessário indicar como relevante, também, as mudanças nas condições de ida e permanência para esses profissionais. Nas duas primeiras décadas, 80 e 90, havia possibilidade de alojamento nos pavilhões desativados do Hospital Psiquiátrico de Trieste (*San Giovanni*). Considera-se também as dificuldades enfrentadas pelos estrangeiros e a *Associazione di Volontariato Franco Basaglia*, devido à nova política de imigração estabelecida na Itália em 2002. A conhecida como Lei Bossi-Fini, que atualiza a Lei Turco-Napolitano de 1998, acarretava na burocratização da obtenção de vistos e de permanência no país numa situação de informalidade caracterizada pelo vínculo através do voluntariado.

Além disso, em torno dos anos 2000, se desenvolveu, no Brasil, uma rede de serviços de saúde mental alternativos aos hospitais psiquiátricos. Assim, é possível supor que um dos motivos da significativa queda dos números de voluntários brasileiros em Trieste, a partir deste período, decorra a uma possível diminuição do interesse, já que práticas semelhantes passaram a ser ofertadas nas instituições de saúde mental brasileiras.

Assim, a metáfora do voluntário, e mesmo a dos “caminhantes”, cede lugar ao profissional comprometido, aos militantes que se empenham na incorporação de *know-how* para a construção ativa da Reforma psiquiátrica brasileira. Mas não apenas: ocorreram também casos relevantes de profissionais que optaram por permanecer na Itália e participar ativamente da rede de saúde mental, como veremos em seguida.

É possível que, a presença de tantos psicólogos, terapeutas ocupacionais e tantos outros profissionais, tenha também contribuído para o estilo da prática triestina, ao longo dos anos, fortalecendo o caráter interdisciplinar dos operadores sociais e agregando a atitude ativista e o olhar clínico.

A “VENTURA” EM TRIESTE: ATRAVESSANDO O OCEANO

Para descrever a qualidade da experiência do voluntariado realizado, apresentaremos três casos, dentre as 36 entrevistas realizadas. Inicial-

mente, compartilharemos o depoimento de duas voluntárias, de São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, cujo depoimento enriquece o perfil até então delineado. Trata-se de uma psicóloga e a outra assistente social, que permaneceram na Itália, aderidas ao projeto basagliano e trabalhando com a Reforma (ambas entrevistadas). Na sequência, tomaremos o caso de um psicólogo, que retornou ao Brasil, seguindo um percurso acadêmico que se organiza a partir dos desafios da desinstitucionalização italiana e brasileira.

Os dois primeiros casos ilustram a experiência dos anos 80 e 90, além de informar sobre a opção pela permanência na Itália. Optamos aqui por não apontar para os nomes notórios do ponto de vista institucional e já amplamente conhecidos. Procuramos deslocar a atenção para os casos de “pessoas comuns” tal como foi o perfil delineado através da Associação de Voluntariado: presenças sem visibilidade, que configuram testemunhos densos, que qualificam o fenômeno da presença brasileira e atestam a radicalidade da aderência pessoal ao projeto triestino. Já o último caso retoma o conteúdo de uma dissertação de mestrado que nos remete a um período sucessivo e mais recente de experiência no voluntariado, em que a vitalidade política dá lugar à reflexão sistemática. No entanto, trata-se de um profissional que retorna ao Brasil para constituir sua vida profissional. As entrevistas e o relato ilustram bem a densidade da experiência vivida em Trieste: desde a disposição ao desconforto da incerteza da vivência da condição de estrangeiros até a construção de um lugar, permanente ou provisório, no diálogo com a Reforma Psiquiátrica italiana ou mais além.

1) A PSICÓLOGA

O extenso depoimento da psicóloga configurou-se uma rica descrição. Mineira, natural da cidade de Sete Lagoas, esta psicóloga se graduou em Belo Horizonte (capital de Minas Gerais), após ter frequentado duas instituições de formação diversas, o Instituto Newton de Paiva Ferreira e a Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC).

Vale registrar que a formação desta psicóloga remete, segundo ela, a “referências em matéria de militância, neste campo, que eram influenciadas pelas críticas ao manicômio”. Refere-se a conteúdos críticos

às instituições psiquiátricas muito relevantes, nos anos 80: as reportagens veiculadas pela imprensa mineira intitulada "Nos Porões da Loucura", de Hiram Firmino (1982), o documentário "Em nome da razão", de Helvécio Ratton, e todo um conjunto de fontes que remetiam ao movimento dos psicanalistas argentinos do grupo Plataforma (como Armando Bauleo) e aos autores franceses da Análise Institucional (como René Lourau).

A psicóloga relatou que sua primeira experiência e indignação com os hospitais psiquiátricos se deu ainda quando atuava na Secretaria do Trabalho e Ação Social do estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, na assistência a adultos moradores de rua, que transitavam muito frequentemente pelos manicômios.

Antes de optar definitivamente pela Itália, a psicóloga mineira trabalhou também, durante alguns anos, na Secretaria do Menor, no município de São Paulo desenvolvendo um projeto específico com os, então, chamados "meninos de rua".

A sua aproximação com a Itália aconteceu depois de conhecer alguns profissionais brasileiros que haviam sido "voluntários" em Trieste, e traziam novidades sobre a experiência italiana. Sua opção pelo voluntariado, ocorre quando militava no Movimento Antimanicomial, tendo participado, em 1987, do Congresso Nacional de saúde mental em Bauru/SP. Em fevereiro de 1989, ela decide "atravessar o oceano".

Em Trieste, a jovem psicóloga mineira se deparou com uma situação inicial que chamou de "caótica" e, conjuntamente com outros brasileiros, organizou assembleias entre os voluntários, reivindicando maior organização e melhores condições de moradia e aprendizado.

No entanto, com o passar do tempo, esta psicóloga, desafiada pela prática triestina, conclui que "o voluntariado, desde o início da Reforma psiquiátrica, foi uma ação política e social, uma militância". Ela viu, como protagonistas, várias figuras não só de profissionais da área de saúde mental, mas, "cidadãos comuns que acreditavam naquela luta, naquele ideal". Trata-se de uma definição que dispensa comentários e remete a compreensão dos desafios ali empreendidos.

A voluntária, de Minas Gerais, relata que a situação era desorganizada, mas que a direção dos serviços de saúde mental optava por receber

a maioria das pessoas que faziam pedidos de voluntariado, pois queriam que fosse uma prática aberta e inclusiva. A política era a de receber todos que quisessem participar sem qualquer tipo de seleção.

Esta sua reflexão nos mostra com clareza os laços de solidariedade e de cooperação existentes na experiência triestina, projetando a figura do voluntário em uma lógica de militância e generosidade. Porém, nos evidencia um sofrimento específico e uma importante identificação com o “outro” que nos ameaça – uma identificação que une o louco e o estrangeiro (extracomunitário). Segundo ela:

Eu pude perceber a importância daquela abertura, pois com o tempo pude observar a importância das diferenças que cada um de nós, cidadãos de várias partes do mundo, traziam consigo. Importantes porque diversos. Diversos: como eram também os usuários dos serviços de saúde mental. E estávamos ali para aprender a lidar com a diversidade. Eu ainda era pouco consciente de que aquela diversidade, nossa, dos usuários, uns dos outros, nos levaria ao conhecimento de uma nova forma de agir que se baseava na “complexidade”. Complexo porque diferente, porque novo, porque único, porque subjetivo. Daí a necessidade de respostas complexas, fora dos padrões preestabelecidos. Logo percebi também que a aceitação da diversidade não era uma ideia dominante na sociedade triestina, pois era notória a discriminação da população para com os “pacientes” psiquiátricos. Em situações públicas, como nos ônibus, escolas, repartições públicas, era comum ouvir comentários e críticas aos serviços de saúde mental, preferindo os velhos hospitais psiquiátricos e atribuindo aos atuais serviços uma desassistência aos doentes mentais. Se tratava de uma luta pelos direitos das pessoas portadoras de sofrimento mental e o que os novos serviços propunham era uma assistência de fato: respeitando os direitos de cidadania dos usuários, direitos de participação, de ter voz, de poder ocupar espaços públicos, contrariando a antiga lógica de exclusão e sequestro da pessoa. Confesso que, às vezes, em espaços públicos de Trieste, me sentia no mesmo barco dos usuários e duplamente discriminada. De uma parte, por impor a presença de uma pessoa “diversa” (um usuário), e, de outra, por ser eu mesma “diversa” (uma estrangeira naquela época – os fenômenos de racismo e intolerância eram já presentes).

Apesar do sentimento de exclusão por parte da sociedade italiana, nossa entrevistada afirmou que, no Centro de saúde mental, havia grande receptividade para com os chamados voluntários. Eles tinham a possibili-

dade de se expressar como profissionais e desenvolver diversas atividades com grupos de jovens usuários ou grupo de mulheres. Ela nos recorda o seu trabalho:

Se fazia terapia, acompanhando no aprendizado social como pegar um ônibus (criando autonomia de movimento), ajudando a utilizar uma repartição pública para fazer uma inscrição, pagar uma conta, receber salários, mediando a relação com a família, ajudando a organizar uma jornada ou um divertimento, procurando construir um projeto de trabalho e etc. Ou seja, aqui a criatividade era a grande aliada da complexidade, pois, para cada pessoa, cada situação, precisava inventar uma nova resposta, uma nova sugestão, uma nova ideia.

Em um outro contexto, a jovem psicóloga, nos relata a sua participação em um outro tipo de experiência e participação, em um “grupo apartamento”, uma residência protegida, com duas jovens usuárias italianas, de pouco mais de 20 anos, com diagnóstico de esquizofrenia grave. O trabalho no grupo apartamento se mostrava bastante desafiador, pois se convivia “constantemente com o delírio, a obsessão e a repetição do cotidiano”. O cotidiano de trabalho era difícil:

Tudo era feito em companhia das duas usuárias, seja dentro de casa, nas atividades diárias (cozinhar, limpar, lavar, organizar armários etc.), tentando envolvê-las o máximo possível, como também nas atividades externas, tais como: fazer compras, visitar as próprias famílias, tentar inserção em atividades esportivas ou culturais etc.

Ela, particularmente, enfrentou situações de risco e grande tensão emocional. Sentiu falta de uma supervisão com perspectiva clínica, apesar do apoio que havia por parte do Centro de saúde mental. Relatou desconforto em relação ao que identificou como uso excessivo de psicofármacos.

A entrevistada nos aponta para um episódio muito importante para o desenvolvimento e o estreitamento das relações entre Brasil e Itália. Após visita ao Brasil, o psiquiatra Franco Rotelli, então diretor do departamento de saúde mental de Trieste, teria percebido uma carência de material bibliográfico referente ao pensamento de Franco Basaglia. Segundo ela, Ao retornar a Trieste, ele convidou os voluntários brasileiros para uma reunião onde “nos informou da sua visita e nos propôs um trabalho de seleção

e tradução de textos a serem publicados no Brasil, em colaboração com os serviços de Trieste”. Assim, delineou-se ainda um outro tipo de atividade, de natureza intelectual “Tivemos ainda o privilégio de entrevistar o diretor Franco Rotelli, sobre a Reforma psiquiátrica triestina, mas principalmente sobre as condições atuais (daquela época) dos serviços, o que daria ao nosso livro um caráter não somente histórico, mas também atual”.

Encerrando o caso paradigmático desta psicóloga recém-formada e militante da luta antimanicomial, fica a questão relativa às consequências da experiência de voluntariado. Após trabalhar durante algum período em Trieste, sem nenhum reconhecimento formal, esta profissional se desloca, a convite do diretor do Departamento de Saúde Mental de Ímola, para outra prática de desinstitucionalização em território italiano, com vínculo empregatício formalizado e renumerado como “operadora social”, no qual permaneceria por mais de dez anos. Mesmo assim, nos muitos anos de trabalho com saúde mental que se seguiram na Itália, ela não teve sua profissão e formação em psicologia formalmente reconhecidas. Trabalha atualmente como autônoma, sem vínculos com a Reforma psiquiátrica na Itália. Porém, colabora, como pesquisadora, com as reflexões sobre a saúde mental brasileira e italiana como integrante do grupo de Psicologia Democrática do CNPq, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais.

2) A ASSISTENTE SOCIAL

Dando consistência à presença profissional brasileira e feminina em Trieste, tomemos o caso de uma assistente social, que permaneceu na Itália e atualmente integra o Departamento de Saúde Mental de Trieste.

Ela chegou em Trieste, em fevereiro de 1988. Sua formação ocorreu na Escola de Serviço Social de Lins – São Paulo, onde já lidava com os temas da psiquiatria social e da saúde mental. Nessa época, já tinha conhecimento da dura realidade dos manicômios brasileiros. Era ocasião de denúncias e, assim como a psicóloga, teve contato com os escritos de Alfredo Moffatt, o livro *Psicoterapia do Oprimido* (1984), que, para ela, fora uma cartilha, assim como para tantos outros autores latinoamericanos nos anos 80.

Formou-se no Brasil, em 1983 e seguiu para a cidade de São Pau-

lo, onde em 1984, começou a trabalhar na Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas (HC) da Universidade de São Paulo (USP). Em dezembro de 1986, ela e seu grupo de trabalho do hospital fizeram uma viagem à Argentina, para participar do Encontro da Rede de Alternativas à Psiquiatria (RÉSEAU) em Buenos Aires. Lá, ela conheceu Franco Rotelli e a experiência triestina compartilhada pelos italianos. Assim, despertou a vontade de conhecer essa experiência de perto. Ela já ouvira falar da experiência italiana. Paralelamente à organização deste evento, nascia o Movimento de Luta Antimanicomial, do qual essa assistente social participou ativamente. Colaborou com o evento, em 1987, em Bauru, que foi um marco histórico, o II Congresso Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental. Neste evento, foi lançada a palavra de ordem do movimento antimanicomial brasileiro: “por uma sociedade sem manicômios”. Em função disso e de pressões políticas no Hospital das Clínicas, a ativista paulista se demite e segue para a Itália, na perspectiva da abertura de horizontes.

Esta paulista aportou em 1988, acompanhada de outra colega brasileira, em Trieste, no ex-Manicômio *San Giovanni*. Porém, se lembra, assim como a psicóloga entrevistada, que não havia lugar para ficarem quando chegaram. A estrutura de alojamento era desorganizada e não havia um quarto para hospedagem dos voluntários. Porém, o trabalho da equipe do Centro de saúde mental para qual foi endereçada era “fantástico”, conforme relatou. E Trieste logo se revelou, diferentemente da psicóloga, como uma cidade receptiva, onde planejou ficar por um ano que se converteram em uma vida.

Entre 1989 e 1990, ela retornou brevemente a São Paulo, onde trabalhou por cerca de um ano. Porém, decidiu voltar para Itália logo depois. Como desdobramento deste retorno, em 1994, ela foi para a Grécia, para trabalhar no projeto de intervenção no manicômio de *Leros*, integrando a equipe técnica em um projeto de Trieste (com financiamento europeu), e permaneceu lá por um ano. Depois deste período, na Grécia, é que ela retornou para a Itália decidida a permanecer.

Começou, então, estimulada pelos italianos, a traduzir os documentos e papéis sobre a sua experiência no voluntariado. Como consequência, teve início um período produtivo mais consistente, de caráter acadêmico: uma nova inscrição na universidade italiana (teve que passar por

quatro exames e fazer a monografia de graduação – *tesi di laurea* – para o reconhecimento de seu diploma brasileiro em Serviço Social). Ela escreveu, no final do processo, um livro sobre sua monografia, que foi recentemente publicado pela editora Collana 180, “*Guarire si può: persona e disturbo mentale*” cuja tradução seria “Melhorar é possível” (MARIN; BON, 2012).

Em março de 2004, começou a trabalhar com cooperação social, sendo aprovada em um concurso público e até hoje está fortemente inserida nos serviços de saúde mental de Trieste, como assistente social, na equipe de reabilitação, *Servizio Abilitazione e Residenze* (SAR) –, uma unidade do Departamento de saúde mental com interface com todos os centros de saúde mental, cooperativas, associações e centros diurnos. Foi inserida em uma equipe que dá retaguarda na questão dos projetos terapêuticos, das residências, da reabilitação psiquiátrica, dos processos de inclusão.

Essa assistente social, que também optou pela Itália, entende que a história de desinstitucionalização italiana que foi fortemente marcada pela colaboração dos voluntários. As pessoas, a seu ver, iam com uma significativa “clareza das coisas”, movidas por interesses políticos, com motivação para fazer o trabalho libertador. Esse voluntário era alguém completamente disponível ao serviço. Era difícil, porém, segundo ela, propor alguma mudança de projeto terapêutico elaborado pelas equipes italianas. No entanto, sua experiência, particularmente com o trabalho em grupo apartamento, envolvia grandes responsabilidades.

O voluntariado brasileiro construiu, segundo esta entrevistada, “uma relação internacional forte, entre os dois países [Itália e Brasil]”. Foi uma relação que provocou mudanças no Brasil e grandes conquistas. Para Itália foi a possibilidade de reconhecimento internacional, a “capacidade de reproduzir no Brasil, o que não se conseguiu no restante da Europa”. A assistente social reconhece que, no Brasil, há, atualmente, um esforço enorme em fechar os manicômios, e ela não vê esse esforço no restante dos países europeus, que agora possuem manicômios reestruturados, mas que ainda se mantém como instituições totais com novas roupagens. Essa experiência de voluntariado possibilitou, segundo ela, uma relação intercontinental que existe até hoje e que se modifica com o tempo.

A assistente social paulista, que construiu sua cidadania italiana, concluiu sua entrevista com uma reflexão bastante interessante, no que diz respeito a sua identidade: não se reconhece atualmente “nem como brasileira e nem como italiana”, e não sabe como explicar isso. Conquistou um reconhecimento profissional, mas, as pessoas com quem trabalha atualmente, sabem que ela é brasileira, mas não sabem da sua experiência pregressa no Brasil. Sua origem ficou “sacrificada”. Fica a impressão de que tudo começou apenas na Itália e não é bem assim. Atualmente, ela diz permanecer com a identidade profissional brasileira, trabalhando com grupos; com *empowerment*, enfrentando o poder psiquiátrico. Todavia para ela, a Itália se constitui um país dominante no campo da saúde mental em razão de sua receptiva cultura antimanicomial.

3) O PSICÓLOGO

Passemos a um relato, que nos projeta em 2002 e de alguém que, como a grande maioria dos voluntários, retornou ao Brasil, onde exerce a sua profissão atualmente, investindo concomitantemente na vida acadêmica. Sua experiência em Trieste tomou a forma de uma dissertação de mestrado (BUENO, 2011). Trata-se de um psicólogo mineiro, formado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Ele relatou, em sua dissertação, uma experiência de voluntariado de 8 meses, que teve início em março de 2002. Posteriormente, ele retornou à Trieste, brevemente, em 2004, com objetivos acadêmicos de conclusão de sua pós-graduação (mestrado em psicologia).

A dissertação que resultou deste processo foi defendida em 2011, com o título: “O pensamento de Franco Basaglia e a estruturação da desinstitucionalização na *psichiatria democratica italiana* vistos por um brasileiro”. Nela, ele se detém sobre sua vivência como voluntário, ao longo de um extenso capítulo, remetendo-se a Trieste como um símbolo da Reforma basagliana. Neste trabalho, ele descreve e discute sua prática de “acompanhante terapêutico” de usuários, revelando suas dificuldades e a riqueza do trabalho, além de descrever os serviços da rede de saúde mental italiana.

O deslocamento deste profissional, posterior ao ano 2000, se funda em interesses muito diversos. Já não se trata especificamente de uma

motivação militante, e sim, de um interesse, pessoal, de formação profissional, particularmente vinculadas a inexistência do hospital psiquiátrico, aos modelos de residência para os usuários e à prática do que ele qualifica como “acompanhamento terapêutico”:

Me instigavam relatos de trabalhos feitos em “casas na cidade” que dispensavam a permanência das pessoas em hospitais, além de atividades das mais diversas, como cursos de formação profissionalizante e inserção dos usuários em cooperativas sociais, onde muitos trabalhavam após encaminhamento das equipes de saúde mental. (BUENO, 2011, p.85).

Ele cita Passos (2009), que critica a recepção dos estagiários:

[...] [a pessoa] sabe apenas a qual dos sete 23 CSM da cidade ficará vinculado. Muitos, nessa situação liberalizada, acabam se perdendo em outros atrativos da cidade e esquecendo o trabalho para o qual foram até lá. Outros acabam desistindo, pela incapacidade de se darem, a si e por si mesmos, um lugar interessante na rotina do trabalho, ou por, finalmente, se surpreenderem desempenhando um papel estereotipado e empobrecido de meros acompanhantes de pacientes em suas rotinas diárias (saídas para compras, organização pessoal e da casa etc.) (BUENO, 2011, p. 87, apud PASSOS, 2009, p. 160).

Ele reclama da falta de estatuto formal para o voluntário, mas conclui, com Barros (1994), que: “Os espaços não são apresentados ao recém-chegado, que deve procurar a ‘sua Trieste’. Tudo dependerá do que veio buscar e da disposição em criar um lugar próprio” (BUENO, 2011, p. 88, apud BARROS, 1994, p. 22).

A informalidade do primeiro impacto é superada pela riqueza do inesperado e pela complexidade da cena que se descortina. Inovar, inventar e criar, são palavras recorrentes, segundo ele, na prática italiana. Ele cita, em particular, o grupo musical Berimbau, como um exemplo de espaço inclusivo, onde ocorria a não diferenciação entre usuários e *staff*. O nome do grupo não deixa dúvidas acerca do legado da cultura brasileira na Reforma italiana.

Esse psicólogo, atualmente, vive no Brasil e segue com sua prática profissional privada e com sua formação acadêmica. A sua tese de mestrado testemunha um padrão de voluntariado que atravessa décadas e persevera

na proposta de uma inserção desafiadora e rica para aqueles que estiverem dispostos a construir.

HISTÓRIAS DE CONSTRUÇÃO DO TRATAMENTO EM LIBERDADE

São muitas as histórias que falam sobre a experiência do foi chamado de “voluntariado” em Trieste: às vezes em sintonia entre si, outras, em plena discordância. Permanece, todavia, a importância da participação dos brasileiros e brasileiras dando vida aos percursos e conexões entre sujeitos e instituições de diferentes países.

Trata-se de uma participação numerosa, constante e ativa. Esta, se configura através da prática clínica, da sustentação de cotidiano assistencial, da contribuição nas frentes de reinserção e reabilitação psicossocial, no compartilhamento de material informativo e nas atividades culturais e políticas da Reforma psiquiátrica italiana ocorridas em Trieste.

Com o levantamento destas informações, delineia-se a figura de um voluntariado que sustentou, ao longo de décadas, diversos projetos profissionais e políticos. Muitos deles compartilharam sua potência, capacidade crítica e inventividade na atenção à saúde mental triestina e em outras localidades italianas que este artigo não se propôs a abordar.

Os dados estatísticos correm o risco de delinear um retrato estereotipado, se não é integrado e interpretado através do testemunho de seus protagonistas. Acontece, neste caso, uma característica relevante: aquela de um sujeito que, através da prática, às vezes difícil e contraditória, se projeta na expectativa de construção de mudanças institucionais possíveis e concretas. É um quadro extremamente rico e complexo, que se abre criticamente, perguntando, de maneira geral, acerca dos valores da prática, do significado da formação, do aprendizado através do envolvimento pessoal e a força da militância na construção de políticas sociais.

A nossa pesquisa demonstra como os brasileiros e as brasileiras, em Trieste, representaram, sem dúvida, uma fonte de enriquecimento coletivo, porém é clara a exigência de se desenvolver melhor a oportunidade ofertada através desta cooperação. É o que nos demonstra a experiência da psicóloga e da assistente social que relatamos.

As suas histórias, com diferentes resultados, nos mostram o difícil e contraditório percurso por parte de alguns de nossos profissionais na Itália. De fato, no início não puderam se posicionar dentro dos serviços, de modo profissional, mesmo se na realidade praticassem com riqueza o que traziam como bagagem e aprendizado brasileiro.

A assistente social teve que refazer todo o seu percurso de formação profissional, pela dificuldade burocrática do reconhecimento formal de seu título de graduação obtido no Brasil e a psicóloga teve que trabalhar em uma condição que não condizia com a sua qualificação, apesar de ter realizado uma inserção consistente em uma ONG. O psicólogo, quando voltou ao Brasil, conseguiu colher frutos de sua experiência triestina, através de publicações acadêmicas, tematizando a prática antimanicomial e sua teoria.

Por intermédio desta pesquisa delinea-se uma perspectiva, a ser investigada, sobre a influência que os profissionais, os pesquisadores e os estudantes de graduação e pós-graduação, “voluntários e voluntárias” em Trieste, promoveram na luta antimanicomial no Brasil. Naturalmente, não podemos nos esquecer do “peso” exercido por outros sujeitos, processos históricos internos e escolhas políticas. Mas, devemos reconhecer que os resultados obtidos foram possíveis em função da motivação e formação de pessoas, que retornaram e se propuseram de levar adiante este novo modelo desinstitucionalizador. Assim, o voluntariado resultou também no desenvolvimento de trabalhos científicos relevantes, que estão baseados na experiência nos serviços de saúde mental de Trieste e refletem sobre ela (VASCONCELOS, 1992; BARROS, 1994; GOULART, 2007; PASSOS, 2009). Alguns desses produtos foram, e ainda são, norteadores da prática profissional no Brasil, como o exemplifica as inúmeras contribuições organizadas e escritas por Paulo Amarante (1996; Amarante; Basaglia, 2005) – o principal editor da obra de Franco Basaglia no Brasil. Não podemos também deixar de citar os estágios e visitas daqueles que, além de divulgar e refletir sobre o processo de desinstitucionalização se tornaram gestores da política de saúde mental brasileira, como Roberto Tykanori Kinoshita, que é um exemplo elucidativo dentre tantos outros.

Do outro lado, parece claro que o processo da consolidação da experiência triestina também foi influenciado pela contribuição destes pro-

fissionais que ensejavam uma criativa, corajosa e comprometida prática – clínica e política – relevantes. Vários permaneceram “além-mar”, engajados nos projetos de reinvenção institucional italianos ou vinculando-se a outras frentes antimanicomiais internacionais.

Substancialmente, é evidente o valor da reciprocidade, seja pelo processo de desinstitucionalização realizado no Brasil, seja para a consolidação da Reforma realizada na Itália. A prática do voluntariado, a maneira no qual o voluntário, ou melhor, a voluntária, se dispôs a colaborar, desafiando modelos e expectativas, geralmente com muito entusiasmo e o seu modo de aprender em situações participativas, foram características reconhecidas por todos os três diretores do Departamento de Saúde Mental de Trieste entrevistados. A conduta dos voluntários brasileiros foi fortemente elogiada pela qualidade do trabalho ofertado, pelas novas ideias que foram introduzidas, pela força de proposições culturais e pela importância da troca afetiva. Estes foram elementos essenciais para a realização deste relacionamento de confiança e para uma autêntica construção de cultura antimanicomial.

Concluimos refletindo sobre o convite inicial de Franco Basaglia, que estimulou a ida dos brasileiros a Trieste. Interrogamo-nos se este processo de troca e cooperação, assim como aparece em nossa pesquisa, pode reduzir-se apenas em um simples momento de aprendizagem que respondia ao chamado: “Venham para ver!”. Para além disso, sinaliza-se uma rica e ativa contribuição, não apenas subjetiva, mas profissional. Aquilo que ocorreu e ainda acontece na forma de cooperação significa, na grandeza da liberdade de escolha que sustenta o voluntariado: “fazer juntos!”.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, P. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.
- BARROS, D. *Jardins de Abel: desconstrução do manicômio de Trieste*. São Paulo: Ed. USP, 1994.
- BASAGLIA, F. *Conferenze brasiliane*. Milano: Raffaello Cortina, 2000.
- BASAGLIA, F; AMARANTE, P. (Org.). *Escritos selecionados em saúde mental e Reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

- BUENO, R. C. *O pensamento de Franco Basaglia e a estruturação da desinstitucionalização na psiquiatria democrática italiana vistos por um brasileiro*. PUC Minas, 2011. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica. Programa de pós-graduação em Psicologia. Belo Horizonte, 2011.
- DI FLORA, G. F. *Direitos humanos x políticas migratórias: os centros de detenção paraimigrantes na Itália*. GT 22. Migrações internacionais: interações entre estados, poderes e agentes. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, *Anais...* Águas de Lindóia, SP, 2012. Disponível in: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8091&Itemid=217>. Acesso em: 4 jul, 2016.
- FIRMINO, H. *Nos porões da loucura*. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.
- GOULART, M. S. B. *As raízes italianas do movimento antimanicomial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- GOULART, M. S. B. *Relatório final: a história da política de saúde mental. Minas Gerais e vínculos com Itália*. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2014.
- GOULART, M. S. B. et al. La presenza storica dei brasiliani nella pratica della salute mentale di Trieste: “venite a vedere” o fare insieme? *Fogli d'Informazione*, v. 35-36, luglio-dicembre, p. 16-27, 2015.
- MARIN, I.; BON, S. Guarire si può: persone e disturbo mentale. *Collana 180*. Merano/Itália: Edizioni Alfabeta, 2012.
- MOFFATT, A. *Psicoterapia do oprimido*. São Paulo: Cortez, 1984.
- NICÁCIO, F. AMARANTE, P. E BARROS, D. D. Postfazione: I movimenti per la salute mentale in Brasile dagli anni Ottanta. In: BASAGLIA, F. *Conferenze brasiliane*. Milano: Raffaello Cortina, 2000.
- PASSOS, I. F. *Reforma psiquiátrica: as experiências francesa e italiana*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.
- VASCONCELOS, E. M. *Do Hospício à comunidade: mudança sim, negligência não*. Belo Horizonte: SEGRAC, 1992.